



# Georg Simmel

Sociologia das formas

**Georg Simmel** (Berlim, 1 de Março de 1858 — Estrasburgo, 28 de Setembro de 1918) foi um sociólogo alemão. Professor universitário admirado pelos seus alunos, sempre teve dificuldade em encontrar um lugar no seio da rígida academia do seu tempo.

Filho de **Edward Simmel** e **Flora Bodstein**, Georg Simmel foi o último dos sete filhos do casal com **ascendência judia** tanto pelo lado do pai como da mãe.

Em 1874 Edward Simmel morre e Julius Friedländer, amigo da família, torna-se tutor de Georg tendo-lhe, mais tarde, deixado uma herança expressiva a qual lhe permitiu seguir a vida acadêmica.

Diplomou-se na **Universidade de Berlim** passando pelos cursos de filosofia. Sua tese de doutorado, também em filosofia, levou o título de *A natureza da matéria segundo a monadologia física de Kant* e rendeu-lhe o título no ano de 1881.

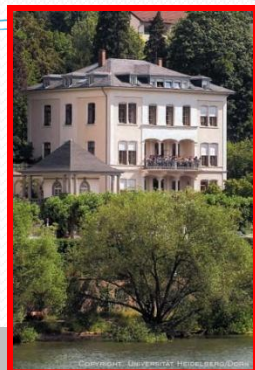
Em 1885 foi designado como **Privatdozent** na mesma Universidade de Berlim e ganhava apenas o que vinha das taxas pagas pelos estudantes que se inscreviam em seus cursos. Mais ou menos nessa época, chegou a ter contato com outro sociólogo alemão chamado Norbert Elias.

Em 1890 casou-se com Gertrud Kinel, diplomada também em Berlim, de família católica. Os dois não tiveram filhos.



**Georg Simmel**  
(1858-1918)

Provavelmente, o “visitante” mais importante e o mais influente do **círculo de Max Weber** era George Simmel, com quem, em Berlim, estudaram Lukács, Bloch e Karl Mannheim. Segundo Lukács (em 1953), o pensamento de Simmel também deve ser compreendido como expressão do **descontentamento anticapitalista dos intelectuais**, e situado no quadro global da tendência de crítica anticapitalista da cultura.



## “O círculo de Heidelberg”

O principal centro de pensamento sociológico na Alemanha do início do século XX era **Heidelberg**, onde se reunia em torno de Max Weber uma plêiade brilhante de intelectuais e universitários. Entre os participantes regulares ou episódicos deste famoso “**Círculo Weber de Heidelberg**” encontram-se, de 1906 a 1918: os sociólogos **Ferdinand Tönnies**, **Werner Sombart**, **Georg Simmel**, **Alfred Weber** (o sociólogo da cultura, irmão de Max), **Arthur Salz** (membro do *Verein für Sozialpolitik* dos “socialistas de cátedra”), **Robert Michels** (nesta época, “sindicalista revolucionário”), **Ernst Troeltsch** (sociólogo das religiões, de orientação “social-cristã”), **Paul Honigsheim** (então jovem estudante); os filósofos neokantianos **Wilhelm Windelband**, **Hugo Münsterberg** e **Emil Lask**, os neo-hegelianos **Ehrenberg** (judeu tornado místico-cristão) e **Rosenzweig**; o jurista **George Jellinek**; o esteta **Friedrich Gundolf** (amigo do poeta Stephan George); o poeta pacifista **Ernst Toller**; o psiquiatra e futuro filósofo kierkegaardiano **Jaspers**; o especialista em Dostoiévsky **Nikolai von Bubnov**; e dois dostoiévskyanos escatológicos: **Ernst Bloch** e **György von Lukács**...

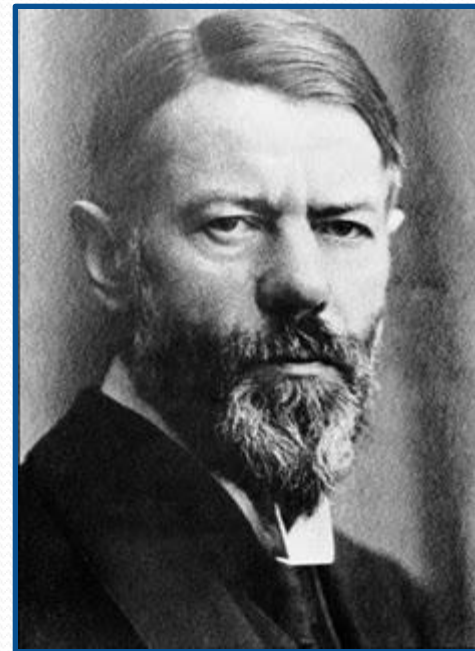
Não se pode falar de uma ideologia comum a este conjunto heterogêneo e disparatado, mas nele se encontra indiscutivelmente uma potente **corrente anticapitalista romântica**; segundo o testemunho de Paul Honigsheim, “mesmo antes da guerra, havia em vários meios uma tendência a se distanciar do modo burguês de vida, da cultura da cidade, a racionalidade instrumental, a quantificação, a especialização científica, e todos os outros elementos considerados então como repugnantes...”

Lukács e Bloch, Ehrenberg e Rosenzweig eram partidários desta tendência. Este **neo-romantismo**, se assim se pode chamá-lo, estava ligado ao velho romantismo por múltiplas, ainda que ocultas, pequenas correntes de influência; podemos dar alguns exemplos: **Schopenhauer**, **Nietzsche**, o **velho Schelling**, **Constantin Franz**...o movimento de Juventude...O neo-romantismo sob suas diversas formas estava representado em Heidelberg...e seus adeptos sabiam a qual porta bater: a porta de Max Weber.”

# Max Weber

“...é horrível pensar que um dia o mundo será ocupado somente por estas pequenas peças, por pequenos homens que se agarram a pequenos empregos e procuram obter outros maiores – uma situação que...tem um papel crescente no espírito de nosso sistema administrativo presente...Esta paixão pela burocracia é suficiente para pôr-nos em desespero...A grande questão não é saber como promover e estimular esta evolução, mas como se opor a esta máquina para manter uma parte da humanidade livre desse desmembramento da alma, desta suprema dominação do modo burocrático de vida.”

(Max Weber, *Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik*)



# O anticapitalismo romântico

Em uma de suas primeiras obras, *A Filosofia do Dinheiro* (1900), o leitmotif central é a preponderância crescente da quantidade sobre a qualidade, a tendência a dissolver esta naquela, e a substituir tudo o que for determinação específica, individual, qualitativa, pela simples determinação numérica – tendência da qual a dominação cada vez mais esmagadora do dinheiro sobre a vida social é a expressão mais tocante. Graças a esta venalidade universal, não somente todos os objetos, mas também os valores em princípio não quantificáveis, como a honra e a convicção, o talento e a virtude, a beleza e a saúde da alma, se tornam mercadorias, adquirem um “preço de mercado”. A prostituição é a forma suprema desta mercantilização dos valores humanos, forma que manifesta em seu ser a natureza fundamental do dinheiro, sua fria impessoalidade, sua redução do ser humano à condição de simples meio.



O capitalismo, sublinha Simmel, é fundado sobre a transformação do trabalho humano em mercadoria, em objeto que se opõe ao trabalhador, que se tornou estranho a ele, e que tem suas próprias leis de movimento. Todo o universo da produção capitalista aparece como um cosmos regido por leis internas independentes dos indivíduos e de sua vontade.

Estas análises lembram evidentemente a problemática marxista do fetichismo da mercadoria, mas a diferença é que, para Simmel, o fenômeno estudado por Marx não é mais do que “um caso particular” daquilo que constitui a “tragédia da cultura”: a alienação da cultura objetiva em relação à cultura subjetiva, o avanço da cultura das coisas e o declínio da cultura das pessoas. Por esse viés, a análise econômica concreta, historicamente determinada, de Marx, é metamorfoseada, ou antes dissolvida em uma visão de mundo trágica, uma psicossociologia a-histórica, uma filosofia da cultura de tendência profundamente metafísica

# A Filosofia do Dinheiro

“Sente-se na própria essência do dinheiro algo da **essência da prostituição**. A indiferença com que se presta a qualquer uso; a infidelidade com que se separa de cada sujeito, porque não está verdadeiramente ligado a nenhum; a objetividade que exclui todo sentimento que lhe é próprio para ser um simples meio, tudo isto suscita uma fatal analogia entre ele e a prostituição.”

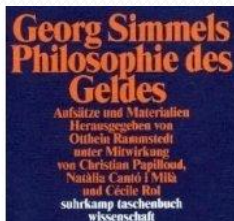
Georg Simmel

“O caráter fetichista que Marx atribui aos objetos econômicos na época da produção mercantil, não é mais que um caso especialmente modificado do destino universal de nossos conteúdos culturais. Tais conteúdos estão submetidos a um paradoxo: são criados por sujeitos e destinados a sujeitos, mas continuam sob a forma transitória da objetividade..., uma lógica de desenvolvimento imanente, que os aliena em sua origem e em seu fim...Esta é a verdadeira tragédia da cultura...Designamos como uma fatalidade trágica o seguinte fato: que as forças destruidoras dirigidas contra um ser nascem precisamente do fundo do mesmo ser.”

Georg Simmel

“Construir por baixo do marxismo um fundamento (Stockwerk) que conserve o valor explicativo da compreensão da vida econômica entre as causas da cultura espiritual, mas que reconheça nessas mesmas formas econômicas o resultado de valorações e correntes mais profundas, de pressuposições psicológicas e até metafísicas.”

Georg Simmel



**Georg Simmels  
Philosophie des  
Geldes**  
Aufsätze und Materialien  
Herausgegeben von  
Otthein Ramonstedt  
unter Mitwirkung  
von Christian Papilloud,  
Natalia Cano I. Mila  
und Céline Bol  
Suhrkamp taschenbuch  
wissenschaft

# A autonomização dos conteúdos

“Nessa conjuntura se aplica **uma função espiritual de significado altamente abrangente**. Com base nas condições e nas necessidades práticas, nossa inteligência, vontade, criatividade e os movimentos afetivos, elaboramos o material que tomamos do mundo. De acordo com nossos propósitos, damos a esses materiais determinadas formas, e **apenas com tais formas esse material é usado como elemento de nossas vidas**. Mas essas forças e esses interesses se liberam, de um modo peculiar, do serviço à vida que os havia gerado e aos quais estavam originalmente presos. Tornam-se autônomos, no sentido de que não se podem mais separar do objeto que formaram exclusivamente para seu próprio funcionamento e realização. Por exemplo, todo conhecimento parece ter um sentido na luta pela existência. Saber o verdadeiro comportamento das coisas tem uma utilidade inestimável para a preservação e o aprimoramento da vida. Mas o conhecimento não é mais usado a serviço dos propósitos práticos: a ciência tornou-se um valor em si mesma. Ela escolhe seus objetos por si mesma, modela-os com base em suas necessidades internas, e nada questiona para além de sua própria realização. Essa guinada — da **determinação das formas pelas matérias da vida para a determinação de suas matérias pelas formas que se tornam valores definitivos** - talvez opere de modo mais extensivo em tudo aquilo que chamamos de **jogo**

Georg Simmel

“Designamos como uma fatalidade trágica o seguinte fato: que as forças destruidoras dirigidas contra um ser nascem precisamente do fundo do mesmo ser.”  
Georg Simmel



# O Jogo



- “As forças, as carências e os impulsos reais da vida produzem as formas de nosso comportamento desejável para o jogo. Essas **formas**, contudo, se tornam autónomas dos **conteúdos** e estímulos autónomos dentro do próprio jogo, ou melhor, como jogo. Caçar, conquistar, comprovar forças físicas e espirituais, competir, pôr-se à mercê do acaso e do capricho de poderes sobre os quais não se tem qualquer influência - tudo isso que antes aderira à vida em sua seriedade, agora se subtrai a seu fluxo, à sua matéria, desapega-se da vida. Autonomamente, escolhe ou cria os objetos nos quais irá se testar e representar-se em sua pureza. *Isso confere ao jogo tanto sua alegria quanto seu significado simbólico, tornando-o diferente do puro divertimento.* Aqui se encontra a analogia legítima entre **jogo e arte**. Tanto na arte como no jogo, **as formas que se desenvolveram a partir da realidade da vida criaram seu domínio autónomo com relação à realidade.** É de sua *origem* - que as mantêm atreladas à vida -que retiram sua força e sua profundidade. Sempre que arte e jogo se esvaziam de vida, tornam-se artifício e mero entretenimento [*Spielerei*]. Assim, seu significado e sua essência se encontram justamente nessa mudança fundamental pela qual **as formas criadas pelas finalidades e pelas matérias da vida se desprendem dela e se tornam finalidade e matéria de sua própria existência.** Assimilam das realidades da vida somente o que pode se conformar à sua própria natureza e ser absorvido em sua existência autónoma”.

Georg Simmel

- As concepções teóricas que sustentam toda a gama de pesquisas e estudos elaborados por Simmel estão fundamentadas no paradigma filosófico originalmente construído por **Immanuel Kant** (1724-1804). A partir das concepções filosóficas kantianas, Simmel concluiu que *a realidade social é extremamente complexa, e até certo ponto caótica, em relação aos significados*. O conhecimento dos fenômenos sociais, que ocorrem imersos nessa realidade e que interessam ao cientista social, só são passíveis de serem apreendidos (ou compreendidos) mediante a adoção de **categorias ou modelos analíticos**. As categorias e modelos analíticos servem para *ordenar o pensamento de modo que se possa interrogar e interpretar a realidade*. Um modelo ou categoria analítica é uma *simplificação do real* porque opera com base na **abstração**, num esforço de separação dos fenômenos sociais que estão imersos na complexa realidade social, tanto em seus aspectos sociológicos como históricos. De acordo com **Simmel**, *os modelos e categorias analíticas não são proposições arbitrárias e nem recursos empregados apenas pelos cientistas sociais que interrogam o real, pois são também utilizados pelos próprios indivíduos que integram a sociedade, como recurso de ação e interação social*. Modelos e categorias analíticas são recursos teóricos que também foram empregados pelo cientista social alemão **Max Weber**, quando se refere ao "**tipo ideal**" que serve para delimitar o real ou, em outras palavras, serve para construir objetos de pesquisa que serão analisados e interpretados - e, conseqüentemente, dotados de algum significado. Não é por acaso que Max Weber estabeleceu em seus estudos uma interlocução permanente com as obras de Simmel.

## Sociologia das Formas

“Não é o seu **objecto**, mas a sua maneira de ver, a **abstracção** particular que ela [a sociologia] realiza, que a distingue das outras ciências histórico-sociais.”

Simmel

**Sociologia como  
o estudo das  
formas  
societárias**



“A sociologia se aclimata a cada campo específico de pesquisa, tanto no da economia como no campo histórico-cultural, tanto no ético como no teológico. Dessa maneira, ela não procede de modo diferente daquele típico do método indutivo em seu tempo, que, como **princípio de pesquisa**, invadiu todos os grupos de problemas, auxiliando na solução de questões que pareciam insuperáveis. **Mas nem por isso a indução se tornou uma ciência específica ou uma ciência abrangente, e o mesmo se dá com a sociologia.** À medida que insiste no fato de que o ser humano deve ser entendido como ser social, e que a sociedade é a portadora de todo evento histórico, **a sociologia não possuirá qualquer objeto que já não tenha sido tratado antes em uma das ciências existentes. Possuirá um caminho comum a todas elas, um método da ciência que, justamente em razão de sua aplicabilidade à totalidade dos problemas, não é uma ciência com um conteúdo que lhe seja próprio.**”

## O método sociológico

“Justamente porque esse método possui tal universalidade, ele forma um **fundamento comum** para todos os grupos de problemas que antes careciam de alguns esclarecimentos que cada um só poderia receber de outro; **a generalidade do ser socializado**, que permite que as forças dos indivíduos se determinem mutuamente, corresponde à **generalidade do modo sociológico de conhecimento**, graças ao qual se torna viável resolver e aprofundar um problema em uma região do conhecimento cujo conteúdo seja totalmente heterogêneo”.

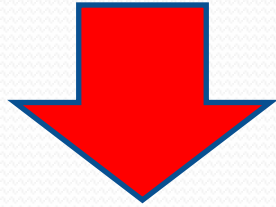
# O método sociológico



“Percebe que, na realidade, o fenômeno sociológico não existe nessa forma isolada e recomposta, e **sim a partir de uma abstração feita de um conceito surgido a partir da unidade da vida desta mesma realidade.** Todos os fatos sociais não são, como já foi mencionado aqui, somente sociais. Há sempre um conteúdo objetivo (de tipo sensorial, espi-ritual, técnico ou psicológico) socialmente corporificado, produzido e propagado, gerando assim a totalidade da vida social”.

“Aqui, da mesma forma como se considera uma canção com base em seu valor musical, uma teoria física com base na sua verdade, e uma máquina com base na sua utilidade, se evidencia o fato de que **todos os conteúdos da vida humana, mesmo quando ela se realiza somente por meio das condições e da dinâmica da vida social, propicia uma forma de observação que seja totalmente independente em relação a essa dinâmica e a essa determinação.** Os objetos corporificam suas próprias ideias; eles têm **significado, leis, padrões de valor que são independentes da vida social e individual,** e que possibilitam defini-los e compreendê-los em seus próprios termos. Perante toda a realidade, mesmo **esse entendimento envolve uma abstração,** uma vez que nenhum conteúdo objetivo se realiza por sua lógica própria, mas só pode fazê-lo por meio de forças históricas e espirituais.”

Georg Simmel



## O método sociológico

“Se a **sociedade** é concebida como a **interação entre indivíduos**, a descrição das **formas de interação** é tarefa de uma ciência específica, em seu sentido mais estrito, assim como a abstração geométrica investiga a simples forma espacial de corpos que existem somente empiricamente como formas de conteúdos materiais. Caso se possa dizer que a **sociedade é a ação recíproca entre indivíduos**, então a **descrição das formas dessas ações recíprocas** constituiria a tarefa da ciência social no sentido mais próprio e rigoroso de "sociedade".

Georg Simmel



“De fato, encontramos nos grupos sociais, por mais que estes sejam diferentes de acordo com seus propósitos e significados, os mesmos **modos formais de comportamento dos indivíduos entre si.**

*Dominação e subordinação, concorrência, imitação, divisão do trabalho, formação de partidos, representação, simultaneidade da união interna e da coesão perante o mundo exterior e outras incontáveis formas semelhantes se encontram tanto em sociedades de Estado como em comunidades religiosas, em um grupo de conspiradores como na camaradagem económica, em uma escola artística como em uma família. Por mais que sejam variados os interesses dos quais resulta a sociação, as formas nas quais eles se realizam podem ser as mesmas. Por outro lado, o interesse por um mesmo conteúdo pode se apresentar em sociações formadas de maneiras distintas”.*

Georg Simmel

## O método sociológico

“Assim como a gramática, que isola as formas puras da linguagem dos conteúdos nos quais elas vivem, esta pesquisa — talvez se pudesse chamá-la de “sociologia pura” — colhe dos fenômenos o seu momento de **sociação**, desprendendo-o indutiva e psicologicamente da multiplicidade de seus conteúdos e objetivos que ainda não são sociais para si.

O estudioso da religião ficará inclinado, de múltiplas maneiras, a explicar a vida religiosa das comunidades e sua disposição para **o sacrifício em termos de sua devoção a um ideal** que é comum a todos. Ele pode ser tentado e subordinar a conduta da vida presente, inspirado em todos pela esperança num estágio perfeito que esteja situado para além da vida dos indivíduos vivos, ao poder dos **conteúdos da fé religiosa**. Caso lhe digam que um sindicato socialdemocrata exhibe **os mesmos traços de comportamento comum e recíproco**, tal **analogia** poderá ensinar a esse estudioso que o comportamento não está exclusivamente ligado a um conteúdo religioso, porém **representa uma forma humana universal que se realiza sob o estímulo não somente de objetos transcendentais, mas também de outras motivações sentimentais**. Também entenderá algo que será essencial para ele: o fato de que, mesmo em uma vida religiosa autónoma, estão contidos **elementos não especificamente religiosos, mas sociais**. Com certeza esses elementos — tipos específicos de comportamentos e atitudes - se fundem organicamente com a disposição religiosa. Mas quando são **sociologicamente isolados**, podemos mostrar, dentro do complexo religioso geral, que elementos podem ser com legitimidade considerados puramente religiosos — e, portanto, independentes de tudo o que é social.

Georg Simmel

## Exemplo 1



- “[...] o individualismo económico observado era já a expressão de uma mudança sociológica fundamental, que encontrou sua configuração no campo da arte, assim como da política, sem que uma fosse a causa imediata da outra. Essas **analogias sociológicas** nos permitem chegar a **uma concepção que supera o materialismo histórico e que é mais profunda que ele**: talvez as **mudanças históricas, de acordo com sua camada realmente ativa, sejam transformações sociológicas**; talvez interfiram no modo como os indivíduos se comportam em relação aos outros; como o indivíduo se comporta em relação ao seu grupo; como as ênfases nos valores, as acumulações, as prerrogativas e fenómenos semelhantes se movem entre os elementos sociais. Talvez sejam essas as coisas que verdadeiramente tornam os acontecimentos fatos de época. Se a economia quiser determinar todas as outras áreas da cultura, então a verdade por trás dessa aparência sedutora só pode consistir no fato de que **a economia também é determinada por transposições sociológicas que igualmente determinam outros fenómenos culturais**. A forma económica é somente uma "superestrutura" sobre as **relações e as mudanças da estrutura sociológica pura**, que constitui a última instância histórica - o elemento que determina todos os outros conteúdos da vida, mesmo que em certo paralelismo com os conteúdos económicos.

Georg Simmel

## Exemplo 2





“Grundfagen Soziologie” (“pequena sociologia”), 1917: fundar a sociologia como disciplina autônoma, com seus próprios métodos e seu próprio domínio de objetos (ele inicia seu livro com considerações gerais de ordem ontológica e epistemológicas sobre a natureza da sociedade).

A sociedade não é uma substância concreta, mas um **processo de associação**, isto é, um processo contínuo e criador de interações espirituais entre os indivíduos, religando-os uns aos outros (princípio de interação)

Para constituir seu objeto, a sociologia depende, como, de resto, qualquer outra ciência, de um método e, portanto, de processos de abstração e de síntese de dados da experiência que ela implica

**Interação (vitalismo)**

**Oposição forma-contéudo (neokantismo)**

Todos os domínios da vida encontram sua origem e seu fundamento nas interações entre os indivíduos

Simmel estuda não apenas as **interações** [Wechselwirkungen], mas analisa também, em um nível superior, as instituições e as organizações como interações de interações.

(sociologia relacionalista, interacionista e morfogenética)

Sociologia formal = abstrair indutivamente e extrair sistematicamente as “formas de associação” de seus “contéudos” (materiais vivos que preenchem as formas e motivações psíquicas que os impulsionam e que não são propriamente sociais)

Estuda as formas de associação que fazem a sociedade, estruturando as interações entre os indivíduos (sociologia das formas de associação ou interação)

Sociologia geral  
macrossociologia histórica

Sociologia formal  
microsociologia a-histórica

Sociologia filosófica



A abstração indutiva das **formas de associação**: resultado de uma formalização [*Formung*] interna pelos próprios atores, formas formantes que os atores reconhecem implicitamente como tal e que estruturam tacitamente suas interações.

“**Tipos ideais**”: construções puramente analíticas que o sociólogo utiliza para esquematizar a realidade; formas arbitrariamente formadas pelos sociólogos.

## Sociologia Pura

Extrai dos fenomenos o momento da associação, destacada indutiva e psicologicamente da variedade de seus conteúdos e finalidades que, por si próprios, ainda não são sociais (as formas morfogênicas da associação estruturam a interação)

**Formas formantes:** a subordinação e a “superordenação”, a concorrência, a divisão do trabalho e a imitação, etc)

**Conteúdos** (coisas-em-si” vitalizadas): os interesses, as pulsões, as inclinações, os desejos, os fins e os estados psicicos.  
*Uma formas qualquer pode abarcar uma infinidade de conteúdos e um conteúdo qualquer pode entrar na composição de uma infinidade de formas*

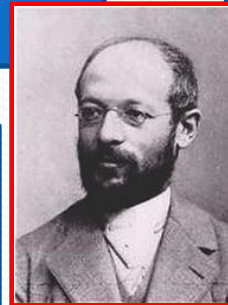
A síntese social é efetuada pelos próprios elementos, pelos indivíduos que criam a trama do tecido da sociedade, agindo uns com os outros.

**Hobbes:** sociedade, “a guerra de todos contra todos”  
**Simmel:** sociedade, a síntese de todos com todos.

“A associação se faz e desfaz constantemente, se refaz entre os homens em eterno fluxo e efervescência que ligam os indivíduos, mesmo onde ela não chega a atingir formas de organização característica.”

“Associação” = os processos de interação (Wechselwirkung) microsociológicos que são o cadinho da sociedade.

“A consciência de formar com os outros uma unidade é aqui a única unidade em questão”



É preciso que o indivíduo saiba que, agindo com os outros, ele determina tanto suas ações quanto é determinado por elas e que esteja consciente de que forma, com eles, uma unidade de ordem social.

- “Defino assim, simultaneamente, como **conteúdo e matéria da sociação**, tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos — tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros.

Em si e para si, essas matérias com as quais a vida se preenche, essas motivações que a impulsionam, não têm natureza social. A fome, o amor, o trabalho, a religiosidade, a técnica, as funções ou os resultados da inteligência não são, em seu sentido imediato, por si sós, sociais. **São fatores da sociação apenas quando transformam a mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação.** A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses — sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou ideologicamente determinados -, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam.

Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana”.



## Sociação

O objeto principal de análise de Georg Simmel, não é nem o indivíduo, nem a sociedade em si: todo o seu interesse se focaliza **sobre a interação criadora entre esses dois pólos extremos: a produção da sociedade pelos indivíduos; e a conformação permanente dos indivíduos pela sociedade, constitui, neste sentido, a matriz fundadora do vínculo social.** Situando-se no ponto de vista contrário a Durkheim, Simmel privilegia, portanto, não a pressão social, mas o “devir” da sociedade.

O principal conceito criado por este autor foi o conceito de **SOCIAÇÃO**, no sentido de forma pura de interação e não de “associação”.

Paralelo a **sociação** surge o conceito de sociabilidade:

Tendo em vista que a sociedade é a interação com o outro para realizar os conteúdos materiais (individuais) e a partir da percepção de que as sociações envolvem além dos conteúdos, a própria valorização da sociação pelos indivíduos; E as formas que resultam destes processos, ganham vida própria, libertas dos conteúdos e existindo por si mesmas, constituindo a sociabilidade, que transforma a sociação em um valor apreciado em si.

Em outras palavras: a sociabilidade é a “forma lúdica” da sociação, não importando as motivações.